

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS MÍDIAS DIGITAIS

MARIANA GUENTHER

Professora da Universidade de Pernambuco - PE, mariana.guenther@upe.br

1. INTRODUÇÃO

A pandemia de COVID-19 e o isolamento social necessário para a contenção da transmissão do novo coronavírus trouxe mudanças profundas nas nossas rotinas e na nossa forma de nos relacionar com o mundo. Com a suspensão das atividades presenciais, tivemos que nos reinventar transformando e adaptando todo o processo ensino-aprendizagem para o formato remoto.

O componente curricular Educação Ambiental do Curso de Graduação em Ciências Biológicas da Universidade de Pernambuco, tem como atividade prática o desenvolvimento de ações de Educação Ambiental voltadas para comunidades do entorno do campus UPE Santo Amaro, bem como para a própria comunidade universitária. Essa atividade que faz parte do conteúdo programático deste componente curricular permite então a integração entre ensino, pesquisa e extensão (GUENTHER, 2019; 2021).

Com o ensino remoto, foi então preciso adaptar essas ações. Apesar de não termos mais o contato presencial com nosso público, falar dos impactos ambientais no momento em que vivenciamos uma pandemia causada pela degradação ambiental se tornou ainda mais essencial. Além disso, nossa mudança forçada de hábitos também gerou novas alterações ambientais que precisavam ser divulgadas para o nosso público.

Diante desta nova realidade, ao longo dos anos letivos de 2020 e 2021, foram desenvolvidos, como parte das atividades do componente curricular, conteúdos de divulgação científica com a temática ambiental para serem divulgados através das mídias digitais. O objetivo dessa atividade, além de contribuir para a formação dos estudantes, foi sensibilizar o público quanto a diversos problemas ambientais da atualidade e propor soluções, mantendo assim o princípio fundamental da Educação Ambiental.

2. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A partir das discussões teóricas desenvolvidas ao longo das aulas, partimos para a produção dos conteúdos digitais. Os temas e os formatos das produções foram escolhidos pelos estudantes sob minha orientação e supervisão enquanto docente responsável pelo componente curricular.

Entre os formatos escolhidos tivemos vídeos e cartilhas educativas. O processo de construção foi acompanhado o longo dos encontros

síncronos com toda a turma, e também individualmente com cada equipe de forma assíncrona.

Para cada formato escolhido foram apresentadas aos estudantes, durante as aulas, as técnicas específicas para a produção de cada conteúdo, incluindo as plataformas e os programas de gravação e edição, e o uso de bancos de imagens de domínio público.

A etapa seguinte da produção foi o desenvolvimento de um esboço de roteiro pelos estudantes que eram então enviados para correção e revisão. Uma vez revisados os roteiros, as produções foram finalizadas e apresentadas para a turma. Após esse momento, foram feitos os últimos ajustes e correções e então os conteúdos foram disponibilizados ao público via internet.

O acompanhamento da recepção dos conteúdos, sejam os vídeos ou as cartilhas é feita via métricas das redes sociais como Facebook e Instagram, onde a divulgação dos conteúdos vem sendo feita.

3. RESULTADOS

Ao longo dos últimos dois anos letivos já foram produzidos 09 (nove) vídeos e 04 (quatro) cartilhas digitais.

Os temas dos vídeos versaram sobre: 1) o tráfico de animais silvestres; 2) os riscos de extinção de várias espécies animais da Caatinga, como o tatu-bola (*Tolypeutes tricinctus*), a catita (*Thylamys velutinus*), a rã de Maranguape (*Adelophryne maranguapensis*), a ararinha-azul (*Cyanopsitta spixii*) e a arara-azul-de-lear (*Anodorhynchus leari*); 3) a importância dos zoológicos para a preservação dos animais; 4) os impactos das queimadas e do desmatamento da Floresta Amazônica sobre o clima da América do Sul através dos rios aéreos; 5) os impactos dos microplásticos sobre o meio ambiente, com ênfase nas teias tróficas e as estratégias para minimizar a geração desses resíduos; 6) a importância da preservação da biodiversidade do rio Capibaribe, na cidade do Recife – PE; 7) a importância da preservação da fauna sinantrópica – animais silvestres que vivem em contato mais estreito com os humanos; 8) a relação entre a degradação ambiental e o surgimento das pandemias; 9) os impactos do descarte incorreto das máscaras de proteção e as estratégias para minimizá-lo.

Os temas das cartilhas versaram sobre: 1) a obsolescência programada dos eletrodomésticos e equipamentos eletrônicos e suas consequências econômicas, sociais e ambientais; 2) os impactos dos resíduos eletrônicos (“e-lixo”) para a saúde e para o ambiente e as estratégias de redução de

consumo e reciclagem; 3) os impactos dos resíduos sólidos sobre os manguezais da cidade do Recife - PE e as estratégias para se evitar o descarte incorreto desses resíduos; 4) os impactos dos microplásticos na saúde humana. Este último foi uma cartilha interativa voltada para o público infantil, com jogos como palavras cruzadas e caça palavras.

Além de promover a Educação Ambiental de um público mais amplo através da divulgação desses conteúdos nas mídias digitais, essas atividades proporcionaram aos estudantes a apropriação dos conceitos teóricos trabalhados ao longo do seu curso de graduação e a possibilidade de colocá-los em prática através de ações efetivas de Educação Ambiental. A produção desses conteúdos também possibilitou o aprendizado do uso de ferramentas digitais e das redes sociais, habilidades essenciais atualmente tanto para o ensino quanto para a divulgação da ciência.

REFERÊNCIAS

Guenther, M. **Educação ambiental no ensino superior: um relato de experiências**. Recife: EDUPE, 81p. 2019.

Guenther, M. **Oficinas de educação ambiental: ações locais, efeitos globais**. Recife: EDUPE, 102p. 2021.